

Arte Comentada

Jeanine Mafra Migliorini
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2018

Jeanine Mafra Migliorini

(Organizadora)

Arte Comentada

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A786 Arte comentada [recurso eletrônico] / Organizadora Jeanine Mafra Migliorini. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Arte Comentada; v.1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-057-5

DOI 10.22533/at.ed.575191801

1. Arte – Crítica e interpretação. 2. Arte – Filosofia. I. Migliorini, Jeanine Mafra. II. Série.

CDD 707

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Arte é um vocábulo carregado de significado, em cima dele existem muitos discursos, ao mesmo tempo que abre leques de possibilidades de entendimento, restringe a compreensão por parte da maioria. Afinal sempre procuramos a resposta certa, fechada, para as questões, e isso não será encontrado na arte. Existem sim conceitos e respostas para ela, mas não um único significado, são caminhos que nos levam a reflexões que enriquecem ainda mais esse discurso.

O que é arte? Este é um questionamento que perpassa os séculos e mantém-se atual, afinal arte é reflexo da sociedade, que está em constante mudança. Arte é resultado da sociedade, e por isso se ressignifica, muda de sentido e de função. Neste momento histórico muitas linguagens artísticas se apresentam como forma de expressão, novas formas de arte que trazem à tona representações, questionamentos, ampliam a abrangência e muitas vezes desmistificam que a arte se volta apenas para uma elite a que ela tem acesso.

Outra grande influência na arte é a própria tecnologia, que além de possibilitar novas linguagens auxiliam na propagação da produção artística atual e histórica. O acesso a arte se torna mais possível, e esse conhecimento cria novos artistas, permitindo assim um círculo virtuoso de produção e conhecimento.

Apresentam-se aqui discussões acerca da arte nas suas mais variadas linguagens, e sua compreensão: a arte é única e individual, seu entendimento depende do repertório, da vivência de cada um, e esses múltiplos olhares complementam a obra.

Discute-se a função social da arte, seu papel como crítica social e o impacto dessa crítica, e apresenta a necessidade de se classificar essas linguagens, como se faz nas ciências exatas. Esse universo amplo permite que se englobem as discussões sobre os sons da cidade, as performances, a dança, as imagens. Percorrendo este caminho chega o momento de o cinema entrar neste debate, além dos movimentos coletivos de arte, finalizando com a imagem, uma vasta discussão sobre suas funções, sua estética, sua função.

Tão ampla como a temática deste livro, essa discussão não se encerra, ela busca respostas e novos caminhos de que podem ser seguidos por pesquisadores, curiosos, estudantes. Quem mergulha neste universo em busca de respostas, acaba encontrando mais perguntas.

Boa leitura! Trace seus caminhos, suas interpretações, suas impressões, e que elas lhe proporcionem muitas reflexões!

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	7
JANELAS MÚLTIPLAS, JANELAS DO OLHO, ESPÍRITO DA ALMA, ESPELHO DO MUNDO.	
Sandra Makowiecky	
DOI 10.22533/at.ed.5751918011	
CAPÍTULO 2	20
COLETIVO ANDORINHA: UM ANO DE EXISTÊNCIA, DE RESISTÊNCIA, DE POLÍTICA, DE ARTE, DE EDUCAÇÃO	
Samara Azevedo de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.5751918012	
CAPÍTULO 3	28
AS ARTISTAS NO INÍCIO DO SÉCULO NO RIO GRANDE DO SUL E A CRÍTICA DE ARTE	
Ursula Rosa da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5751918013	
CAPÍTULO 4	29
TANTO FAZ SE É PERFORMANCE OU NÃO	
Natasha de Albuquerque	
Maria Beatriz de Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.5751918014	
CAPÍTULO 5	41
ENTRE JANELAS E PESSOAS: EM BUSCA DE UMA ESCUTA CIDADINA	
Thais Rodrigues Oliveira Sainy Coelho	
Borges Veloso	
DOI 10.22533/at.ed.5751918015	
CAPÍTULO 6	55
A ARTE DO CORPO PERFORMÁTICO MEDIADO PELA TELA DO CINEMA DOCUMENTAL: AS FORMAS-FENDAS DO OLHAR NA(DA) DANÇA	
Cristiane Wosniak	
DOI 10.22533/at.ed.5751918016	
CAPÍTULO 7	69
MEMÓRIA EM DIÁRIOS DE VIDEOGRAMAS – UM DIÁLOGO ENTRE A RETOMADA DE IMAGENS DE ARQUIVO PROPOSTA POR JONAS MEKAS E HARUN FAROCKI	
Guilherme Bento de Faria Lima	
Monica Rodrigues Klemz	
DOI 10.22533/at.ed.5751918017	
CAPÍTULO 8	80
“SOMBRAS DO PASSADO”: O PERDÃO EM BUSCA PELA VERDADE E RECONCILIAÇÃO	
Alessandro Galletti	
Ricardo Vilariço Ferreira Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.5751918018	

CAPÍTULO 9	94
DISPOSITIVO E COLETIVOS ARTÍSTICOS: UMA METODOLOGIA DE NARRAR O ENCONTRO	
Lara Lima Satler	
Lisandro Magalhães Nogueira	
DOI 10.22533/at.ed.5751918019	
CAPÍTULO 10	109
PRODUÇÃO DE SENTIDOS E (RE) SIGNIFICAÇÃO NA HISTÓRIA A PARTIR DO MOVIMENTO BLACKFACE	
Daiany Bonácio	
Giuliano Mattos	
Viviane Dias Ennes	
DOI 10.22533/at.ed.57519180110	
CAPÍTULO 11	125
DA LEMBRANÇA AO SONHO: ANÁLISE FÍLMICA DE “A DANÇA DA REALIDADE”, DE ALEJANDRO JODOROWSKY.	
Ana Carolina Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.57519180111	
CAPÍTULO 12	134
BREVES APONTAMENTOS SOBRE O ONÍRICO, OU UMA PRIMEIRA IMERSÃO NAS IMAGENS SEM LUZ	
Carlos de Azambuja Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.57519180112	
CAPÍTULO 13	142
IMAGENS SENDO IMAGENS: REFLEXÕES DE UM CAMPO DE LUTA, RESISTÊNCIA E PODER.	
Patrícia Quitero Rosenzweig	
Rosa Maria Berardo	
DOI 10.22533/at.ed.57519180113	
CAPÍTULO 14	158
QUESTÕES ESTÉTICAS DAS MÍDIAS: LATITUDES COMO EXEMPLO TRANSMIDIÁTICO	
Vanessa de Cassia Witzki Colatusso.	
DOI 10.22533/at.ed.57519180114	
CAPÍTULO 15	169
IMAGEM E MEMÓRIA: A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA A PARTIR DO ARQUIVO DO FOTÓGRAFO PROFISSIONAL	
Thiago Guimarães Azevedo	
DOI 10.22533/at.ed.57519180115	
CAPÍTULO 16	177
OS PIONEIROS DA FOTOGRAFIA EM PONTA GROSSA: UMA ANÁLISE DO JORNAL O PROGRESSO E CASA DA MEMÓRIA	
Tais Maria Ferreira	
Carlos Alberto de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.57519180116	
SOBRE A ORGANIZADORA	189

BREVES APONTAMENTOS SOBRE O ONÍRICO, OU UMA PRIMEIRA IMERSÃO NAS IMAGENS SEM LUZ

Carlos de Azambuja Rodrigues

Profº Associado III da Escola de Belas
Artes da UFRJ

Doutor em Comunicação e Cultura

Grupo IMAGINATA - Linha de Imagem e Cultura

Vice-Coordenador do Programa de Pós-
Graduação em Artes Visuais

PPGAV - EBA/UFRJ (CAPES 6)

RESUMO: Este texto reintroduz uma discussão indicada no final de um outro trabalho produzido sobre a questão da imagem apresentado neste mesmo evento quatro anos atrás. Naquela ocasião para além das *Três Dimensões da Imagem* do título (ver Anais do III ENEIMAGEM, 2011), identificamos também a existência de um outro campo diferenciado de estudo das imagens: o Onírico. O trabalho ora apresentado é uma primeira aproximação desta questão para além da relação dialógica sujeito/objeto; psicologia/ontologia; representação/referência. Nele procuramos examinar brevemente algumas das abordagens filosóficas, científicas e conceituais atualmente aceitas e oferecidas como forma de entendimento sobre o fenômeno dos sonhos. E caminhamos na direção daquilo a que elas convergem, cientes de que se trata de um levantamento ainda preliminar e que a penumbra de onde vêm ou nascem estas imagens permanecerá ainda misteriosa e oculta

ao final deste trajeto, damos aqui, portanto, apenas pequenos passos no caminho que leva aos sentidos das imagens em geral e das oníricas em particular.

PALAVRAS-CHAVE: Imagem, Biofoton, Onirismo.

ABSTRACT: This text reintroduces a discussion indicated at the end of another work produced on the image issue presented at this same event four years ago. At that time, beyond the *Three Dimensions of the Image* of the title (see *Annals of III ENEIMAGEM*, 2011), we also identified the existence of another differentiated field of study of images: Onirism. The work presented here is a first approximation of this question beyond the subject/object dialogic relation; psychology/ontology; representation/reference. In it, we seek to briefly examine some of the philosophical, scientific, and conceptual approaches currently accepted and offered as a form of understanding about the phenomenon of dreams. And we walk towards what they converge, aware that this is a preliminary survey and that the penumbra from where these images come or are born will remain mysterious and hidden at the end of this path, we give here, therefore, only small steps in the way that leads to the sense of the images in general and the dreams in particular.

KEYWORDS: Image, Biofoton, Onirism.

1 | PRÓLOGO SOBRE UM RETORNO AOS SONHOS

“Brilho errante noctívago, estranha luz, na cercania da terra...

sempre se deixando fascinar pelo brilho do Sol”

Heráclito

Embora seja um fato e algo de existência indiscutível, o mundo das imagens oníricas foi durante um longo período negligenciado pelo pensamento ocidental desde o Iluminismo, ou mesmo já durante a idade média. Como já escrevi uma vez, “o Onirismo tem uma má fama”¹, adquirida de certo como uma herança da reação do pensamento escolástico cristão contra o paganismo em geral, para o qual, em algumas culturas, os sonhos poderiam conter verdades ainda ocultas ou servir mesmo a premonições sobre importantes eventos por vir.

Este estado de coisas perdurou na dita cultura “erudita” ocidental até o início do século XX quando então Sigmund Freud com seu “método” restaurou o campo do onírico como uma forma de conhecimento, e, pouco depois, Carl Jung reafirmou uma dimensão – num certo sentido – “ontológica” das imagens simbólicas, como formas atávicas não apenas a um indivíduo em particular mas comuns à toda a humanidade. Aqui então a importância dos sonhos ressurgiu se re-definindo como “desejo” ou como uma forma de “re-ligação” humana, num sentido talvez cósmico, com o mundo material à nossa volta.

Assim, hoje, aquilo que atravessou todo o iluminismo quase como puro *non-sense*, mero devaneio de uma exata mente sempre consciente e racional, apenas durante o sono momentaneamente adormecida e colocada num estado livre de suas enormes responsabilidades, retornou no início do século passado, renovado e cheio de significados, para o palco de representações da vida humana e, novamente, como um protagonista da mais relevante importância para nós.

2 | ARTEMIDORO, OS SONHOS SIMPLES E OS SONHOS ONÍRICOS

Afirma-se aqui que se trata de um “re-torno” porque, embora possa se considerar que o reconhecimento da importância do estudo dos sonhos foi reintroduzido no século passado a partir de Freud, não é, entretanto, correto supor que bem antes disso já não se tivesse produzido qualquer tentativa de um estudo sistemático dos sonhos. De fato, já no século II surgiu a “Oneirocrítica – juízos e interpretações dos sonhos”, um conjunto de cinco livros escritos por Artemidoro de Daldis, intérprete de sonhos, que ofereceram na época uma abordagem sistemática dos sonhos e alguns exemplos de

suas interpretações segundo o autor que, de modo semelhante ao de um terapeuta contemporâneo, justamente dedicava-se ao ofício de intérprete de sonhos. Logo no início de seu livro primeiro, Artemidoro propõe uma interessante distinção entre os “Sonhos Simples” e os “Sonhos Oníricos”. Sendo os “Sonhos Simples” causados por estados circunstanciais e pontuais que vulgarmente atormentam nosso corpo como fome, sede ou uma má digestão, e até mesmo o nosso espírito como eventuais alegrias, preocupações ou tristezas; enquanto os outros, que ele denomina de “Oníricos”, seriam repletos de significados mais profundos, com simbolismos transcendentais que tanto poderiam remeter às mensagens que os homens buscam enviar aos deuses sobre algo que lhes aflige, quanto recebê-las destes mesmos deuses na forma de antevistas, premonições de eventos por vir.

Como se sabe, nas culturas antigas assim como na greco-romana, os deuses de fato existiam e frequentemente davam pistas sobre suas vontades ou manifestavam seus humores. Não havia, portanto, nada de estranho em pedir algo a algum deus durante um sonho ou então receber uma mensagem dele por este mesmo canal de comunicação. Curioso é observar-se aqui como aquilo que está afligindo um indivíduo durante o seu estado de vigília, pode também surgir em um sonho como um “pedido aos deuses” de uma forma bastante similar ao que afirma Freud acontecer nesta mesma “plataforma onírica”, já que para a psicanálise durante o sonho se manifestam ideias inconscientes que clamam intimamente por uma solução. Por outro lado, é também igualmente interessante observar como que, as mensagens “enviadas pelos deuses” através dos sonhos de Artemidoro guardam grande similitude com a ideia dos sonhos arquetípicos da psicologia analítica Junguiana. Certamente, isso indica que, no que diz respeito ao estudo dos sonhos, não se pode afirmar qualquer ponto de partida, uma vez que o início das artes de sua interpretação se perde na poeira dos tempos e a sua origem se dá no advento da própria humanidade. Nada também nos garante, entretanto, que haja um porto seguro ao final do trajeto a ser percorrido, já que as atuais pesquisas contemporâneas a respeito dos sonhos, como era de se esperar, se mantêm inconclusivas sobre a natureza do onírico. Atualmente, para a maioria dos pesquisadores, o que se mantém ainda como dado é o fato – um tanto óbvio – de que quando adentramos o mundo dos sonhos parecemos dialogar “com nós mesmos” – nossa mente e nosso corpo – e que esta experiência potencialmente nos leva para um “outro lugar”, talvez um além.

3 | O CÉREBRO SONHADOR

Assim como acontece com os distúrbios e as doenças mentais, a principal forma de abordagem contemporânea do onírico é fisiológica/psiquiátrica: os pesquisadores da neurofisiologia buscam associar as etapas relacionadas com os sonhos com as regiões do cérebro que estão ativas naquele exato momento em que estamos sonhando e para

alguns é só esta atividade cerebral que de fato é determinante. O estudo fisiológico do sono não chega a ser algo inédito ou mesmo tão recente assim, pois as pesquisas sobre o sono desenvolvidas por Nathaniel Kleitman que levaram à descoberta da etapa R.E.M. (*Rapid Eyes Movement*) no sono – que corresponde ao momento em que efetivamente estaríamos sonhando enquanto dormimos – data de 1953. Estudos recentes, entretanto, realizados no *Evolutionary Neurobehavior Laboratory* da *Boston University*, dirigido pelo Professor Patrick McNamara, indicam a ocorrência de sonhos também em etapas do sono que não são as R.E.M., mas as N.R.E.M. (No Rapid Eyes Movement). Nas etapas R.E.M. os sonhos tenderiam a ser mais agressivos e desagradáveis, enquanto nas N.R.E.M. estariam associados a experiências mais agradáveis. Assim, ainda segundo esta pesquisa, pessoas deprimidas ou depressivas tenderiam a ter mais sonhos do tipo R.E.M do que indivíduos emocionalmente mais equilibrados.

Este primado da abordagem fisiológica/psiquiátrica legou-nos todo um conjunto de drogas para o tratamento de nossos distúrbios emocionais e psiquiátricos cuja mais famosa talvez tenha sido mesmo o PROZAC, criado pela companhia farmacêutica americana Eli Lilly e lançado no mercado em 1970, como um messias químico contra a depressão. No entanto, apesar do acréscimo significativo que estas diversas pesquisas trouxeram na compreensão do fenômeno sono e, conseqüentemente, dos mecanismos neurológicos associados à ocorrência dos sonhos, talvez pouco tenham acrescentado sobre a sua finalidade para os homens: a maioria das explicações fornecidas por diversos pesquisadores transita entre algo que seria uma rele simulação, útil como “forma de treinamento” e aprendizado para situações de risco; à uma forma de fixação das memórias do dia e elaboração emocional de suas experiências, passando ainda pela negação pura e simples de uma maior importância do ato de sonhar. Ou seja, se hoje conhecemos melhor como nosso corpo se relaciona com o ato de sonhar, por outro lado o sentido original de sonharmos continua sendo um mistério insolúvel, enquanto sua função básica – aquilo que para que “servem” – continua oferecendo uma miríade de possíveis explicações e aplicações, tantos quanto são os pensamentos que as motivem. Há espaço inclusive para a afirmação de que os sonhos são “nada mais do que interpretações fantasiosas, ad hoc de impulsos neurais aleatórios ondulando-se a partir do tronco cerebral, o motor do R.E.M.” [TM]², como afirmou J. Allan Hobson, psiquiatra de Harvard. Este mesmo Hobson, talvez ávido também por causar polêmica com as diversas sociedades psicanalíticas, afirmou também que “sonhar é um evento automático pré-programado no cérebro e não uma resposta a um estímulo exógeno (experiências diárias) ou endógeno (visceral)”[TM]³. Esta concepção mais do que meramente fisiológica é fisicista (materialista) e recusa qualquer significado oculto:

“Eu discordo de Freud porque creio que os sonhos não são nem obscuros ou contém algo expurgado, mas são transparentes e não-editados. Eles contém um claro significado, indisfarçável, impulsos altamente conflituosos que são dignos da atenção pelo sonhador (ou qualquer intérprete). Minha posição encontra eco na noção de Jung de que os sonhos têm um significado transparente...” [TM]

(Hobson, 1977)

Pode-se considerar que esta atitude, de um modo um tanto ingênuo, negligencia o *Homo Symbolicum*, o ser que produz constantemente significado, bem estabelecido por Ernest Cassirer e faz ainda uma leitura um tanto enviesada e superficial das ideias de Carl Jung: o fato de para Jung os sonhos apresentarem, de vez em quando, símbolos arquetípicos bem definidos (mas não “literais”) não os tornam necessariamente “transparentes”, afinal há ainda um “inconsciente”, mesmo que “coletivo”, em Jung. Talvez haja nesta afirmação de Hobson sobre Jung, o desejo oculto de reduzir os “arquétipos junguianos” um tipo de “meme” ou vê-los como sendo determinados geneticamente nos moldes definidos por cientistas e pesquisadores neo-darwinistas como Richard Dawkins e Daniel C. Dennett. De fato, a concepção de Hobson citada acima sobre o que são os sonhos (“...interpretações fantasiosas, *ad hoc* de impulsos neurais aleatórios ondulando-se a partir do tronco cerebral...”) encontra paralelo na negação da existência da consciência humana formulada por Daniel C. Dennett em seu *Tipos de Mentes* (Dennett, 1977), para quem não existe “consciência” mas apenas um conjunto de impulsos, percebidos como ideias, presentes no cérebro num dado momento.⁴ O que deve ser ressaltado, entretanto, é que o que ambos fazem é recusar a complexidade ao fenômeno estudado, utilizando o artifício da redução de sua importância ou pela simples negação de sua existência. Não deixa de ser espantoso que esta atitude intelectual deseje ser aceita e entendida justamente como sendo “científica”.

Assim, na sua postura mais extremada, a do fisicismo neo-darwinista, a abordagem meramente neuro-fisiológica como que despotencializa o sonho, reduzindo-o a mera consequência de um evento cerebral. E aqui parece então retornar, renovada, aquela mesma atitude do iluminismo, não mais como “pré-psicanalítica”, mas talvez agora, pretensamente como “pós-psicanalítica”. Felizmente, entretanto, há outras pesquisas em andamento que seguem outros caminhos.

4 | IMAGENS SEM LUZ?

Em Agosto de 2004 uma física brasileira – Gabriela Barreto Lemos, pesquisadora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, realizando um pós-doutorado na Academia Austríaca de Ciências – publicou na revista científica *Nature* o resultado de um interessantíssimo experimento “fotográfico”: Gabriela e sua equipe, baseando-se num conceito da Física Quântica chamado “entrelaçamento ou emaranhamento quântico”, separou dois feixes de fótons antes entrelaçados, fazendo um deles incidir sobre um objeto e o outro diretamente sobre uma placa fotográfica.⁵ O resultado foi surpreendente, pois o feixe de fótons que incidiu sobre a placa formou a imagem do objeto sobre o qual o outro feixe incidiu, i.e., uma imagem se formou sobre a placa fotossensível sem que as partículas (fótons) que a sensibilizaram tenham entrado em contato com o objeto desenhado. A “comunicação” de estado entre os dois feixes

antes entrelaçados, mas agora separados, permitiu um deles remotamente comportar-se como o outro e formar a imagem do objeto que seu “antigo” par de entrelaçamento estava a percorrer e desenhar.

Obviamente que aqui há “luz”: está presente na formação de uma imagem um fluxo de fótons, mesmo que numa faixa de frequência não visível ao olho humano (os feixes tinham comprimentos de onda acima e abaixo do vermelho e do azul). O impacto da “fotografia quântica” (como vem sendo chamado desde então o resultado desta experiência) sobre uma “Teoria da Imagem” no que diz respeito à relação objeto-imagem ou imagem-referente não pode ser considerado relevante, uma vez que o objeto iluminado pelo feixe “referente” é o mesmo que é formado no sensor fotográfico pelo outro feixe, que podemos chamar de feixe “impressor”. Portanto, ocorre referência a um objeto concreto que é representado na formação da imagem. A grande estranheza neste fenômeno consiste na falta de contato direto entre o feixe que ilumina o objeto e aquele outro que incide sobre a superfície fotossensível onde é desenhada a sua imagem. Porém esta estranha circunstância talvez possa, pensada em conjunto com um outro fenômeno já conhecido, o Biofóton, jogar alguma luz sobre as imagens do sonho, as imagens “sem luz”.

O Biofóton é uma emissão celular de luz (radiação eletro-magnética) coerente (como o laser) de baixíssima intensidade na faixa óptica (visível) do espectro e também no infravermelho e ultravioleta, que todas as células vivas apresentam, e foi descoberta pelo cientista soviético Alexander G. Gurvich em 1923, que os chamou de “raios mitogenéticos”, já que ele estava estudando o processo de diferenciação no desenvolvimento celular. Depois de décadas de experimentos inconclusivos e consequente descrença da comunidade científica coube ao biofísico Fritz-Albert Popp na Universidade de Marburg provar a sua existência nos anos 1970. Popp demonstrou que a emissão de radiação eletromagnética se dava entre os 200nm e 800nm, englobando a faixa visível aos nossos olhos que vai dos 400nm (vermelho) aos 700nm (azul). Ele propôs então que os biofótons seriam emitidos periodicamente e seriam uma emissão de luz coerente como o laser, o que permitiria supor ser possível uma comunicação via uma radiação eletromagnética – portanto, na velocidade da luz – entre tecidos e organismos vivos, para além dos processos químicos e elétricos já estabelecidos.⁶

Mais recentemente, num artigo conjunto de 2010 os pesquisadores: Majid Rahnema, Peyman Sardar, Vahid Salari, do Departamento de Física Shahid Bahonar da Universidade de Kerman, no Irã; o canadense Jack A. Tuszynski, do Departamento de Física da Universidade de Alberta no Canadá; István Bókkon, da Escola Doctoral de Farmacêutica e Ciências Farmacológicas da Universidade Semmelweis da Hungria e Michal Cifra, Departamento do Campo Eletro-magnético, Faculdade de Engenharia Elétrica da Universidade Tecnológica Tcheca, de Praga propuseram que os biofótons desempenham importante papel interagindo nas atividades neurais em adição às atividades elétricas e químicas.⁷

Assim, seria possível especular sobre um possível papel dos biofótons nas atividades cerebrais durante o sono R.E.M., quando os sonhos acontecem, ou ainda se eles desempenham algum tipo de ação sobre a retina na formação das imagens mentais que produzimos sem a presença da excitação direta de luz. Poderíamos indagar ainda se haveria algum tipo de interação entre os biofótons e a luz com que o mundo exterior banha nossas retinas durante a vigília: Será que os sonhos podem estar relacionados – através dos raios de luz internos e externos, “emaranhados” à grandes distâncias e no tempo ínfimo dos eventos quânticos – com antevissões e descobertas, e assim levar e nos trazer aquelas mensagens dos deuses de que nos falava Artemidoro?

Longe de querer dar respostas à estas especulações e a outras possivelmente bem melhor fundamentadas, a única conclusão permitida no momento nos trás de volta ao nosso ponto inicial: nos sonhos estamos frente a um evento íntimo de comunicação, causado pelo atrito entre o mundo exterior e nosso mundo pessoal, um constructo, ao que tudo indica, iluminado pela nossa própria luz interior.

NOTAS

1 - Ver o meu texto, *As Três Dimensões das Imagens* em: <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais2011/trabalhos/pdf/Carlos%20de%20Azambuja%20Rodrigues.pdf>

2 - Ver a cita sobre J. Allan Hobson no texto online de Patrick McNamara: <http://aeon.co/magazine/psychology/was-freud-right-about-dreams-all-along/>

3 - idem.

4 - Seus críticos apelidaram este ser que se move segundo seus estados mentais “aleatórios” de o “zumbi” de Dennet.

5 - Ver matéria de Ciência Hoje On Line: <http://cienciahoje.uol.com.br/blogues/bussola/2014/09/diga-2018xis2019-gato-de-schroedinger>

6 - Um breve resumo deste histórico pode ser obtido em: <http://www.amebrasil.org.br/2011/node/250>

7 - Texto completo na Cornell University Library on line: <http://arxiv.org/abs/1012.3371>

REFERÊNCIAS

ARTEMIDORO, Daldianus. *Orneirocritica: Sobre a interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

AZAMBUJA RODRIGUES, Carlos de. *As Três Dimensões das Imagens*. in IIIº ENEIMAGEM. Londrina: UEL, 2011.

CASSIRER, Ernest. *Ensaio sobre o Homem. Introdução a uma Filosofia da Cultura Humana*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DENNETT, Daniel D. *Tipos de Mentas, Rumo a auma compreensão da Consciência*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco. 1997.

DAWKINS, Richard. *O Gene Egoísta*. Lisboa: Gradiva Publicações Ltda., 1999.

HOBSON, J. Allan. *The Dreaming Brain*. New York: Basic Books, 1988

Referências (Impressas e Webgrafia)

CIÊNCIAHOJE. *“Acho que vi um gatinho..”*. Ciência Hoje, Volume 318, pág.64, Outubro de 2014

McNAMARA, Patrick. *How Sex rules our dreams*. Aeon On line: Aeon Media Ltd., 2014

RAHNAMA, Majid et alli. *Emission of Mitochondrial Biophotons and their Effect on Electrical Activity of Membrane via Microtubule*. Journal of Integrative Neuroscience, Vol. 10, No. 1, pages 65-88, 2011.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-057-5



9 788572 470575